

SR. ALEXANDRE BARBOSA: Bom dia a todos e todas. Sejam todos muito bem-vindos. É um grande prazer para nós do NIC.br e do Cetic.br estar aqui lançando novos dados da pesquisa TIC Cultura em sua terceira edição. E também ter um painel de debate com especialistas na área de cultura. E fica muito claro, nesse período que nós estamos vivendo, difícil, né, de pandemia, que a Internet é, sem dúvida, uma janela para o mundo cultural. Acredito que todos nós estamos acessando conteúdos culturais na Internet, assistindo filme, assistindo lives que passaram a ser parte da vida dos artistas. Então, com isto, eu acredito que temos, hoje, informações muito relevantes sobre a cultura e as tecnologias digitais. E eu gostaria de iniciar o nosso evento de hoje convidando o Marcio Nobre Migon que é coordenador do Comitê Gestor da Internet no Brasil para dar as boas-vindas a todos. Marcio, você tem a palavra.

SR. MARCIO NOBRE MIGON: Muito obrigado, Alexandre. Muito bom dia a todas, muito bom dia a todos. É uma enorme satisfação fazer parte de painel tão distinto. Cumprimento aqui a todos os convidados. E antes de qualquer coisa, parabênizo ao Alexandre, ao Demi e todas as equipes do NIC e do Cetic.br por mais essa entrega à sociedade brasileira.

Ressalto também aqui a relevância da parceria do Cetic com a Unesco, sendo centro de referência conhecido por aquele órgão. Acho que é bastante importante para o Brasil, para a governança da Internet no Brasil essa parceria e esse destaque, para que o Brasil possa continuar a dar sua contribuição em nível global para a criação dos novos paradigmas, das novas métricas, dos novos critérios para acompanhar a Internet. Indústria essa tão jovem, tão recente e ao mesmo tempo tão presente na vida de todos nós. Agravado sobremaneira e acelerado também em função dos efeitos da pandemia.

Como funcionário de carreira, servidor público, é evidente para a gente que é muito difícil fazer política pública e tomar decisões sem fatos e sem dados. Dessa maneira, a contribuição que o Cetic dá e agora, nessa edição que presentemente estamos anunciando e divulgando, com foco na cultura, vai ser de grande valia para as mais variadas formulações de políticas públicas nas mais diversas esferas. O Brasil é um país grande, complexo. E o próprio cadastramento e acompanhamento de dados de atores não é tarefa imediata nem trivial. Dessa maneira, principalmente em uma época em que além do valor para o decisor público ou para outros decisores, o dado também passa a ganhar conotação do novo petróleo ou até do novo urânio, como há colegas nossos que ousam classificar. É, mais uma vez, uma satisfação imensa estar aqui juntos e poder entregar esse resultado para a sociedade.

Só mais dois segundos, gastando aqui, a minha relação com as pesquisas vem desde muito tenra idade, eu me lembro com 12, 13 anos de idade com uma série de formulários debaixo do braço, fazendo pesquisas e levantando dados com interesses eleitorais, já, na época, imagina. Então, são prenúncios das coisas que depois vão se desenvolvendo com a gente. E

com esse humilde breve registro aqui anedótico, eu devolvo a palavra ao Alexandre, reiterando os meus parabéns, a minha satisfação e cumprimentando a todos, desejando um excelente evento. Um bom dia, muito obrigado.

SR. ALEXANDRE BARBOSA: Muito obrigado, Marcio. Nós que agradecemos a sua presença. É uma honra tê-lo aqui neste lançamento e eu passo agora a palavra agora para a Luciana Lima que é coordenadora da pesquisa TIC Cultura. Também é uma especialista no setor cultural que vai nos brindar com alguns dados que foram coletados durante a pandemia. É claro que a pandemia, ela dificultou muito a coleta de dados, mas o esforço que foi empreendido pelo NIC.br e Cetic.br para coleta desses dados é algo que merece ser destacado. E esses dados que a Luciana vai apresentar é apenas uma síntese para que vocês tenham um sabor do que terá na publicação, que já vai estar disponível a partir deste momento para download, a publicação que contém não só a análise dos dados, mas também artigos de especialistas na área. E desses dados, eles podem ser desagregados por uma série de variáveis. Então, o resumo que ela fará é um resumo muito, muito breve. E Luciana, eu te passo a palavra.

SRA. LUCIANA LIMA: Bom dia, obrigada, Alê. Então, cabe a mim aqui trazer um pouco dos resultados das pesquisas realizadas pelo Cetic que dialogam com esse tema do nosso evento de hoje. A pandemia e a digitalização da cultura. Eu acho que mais do que nunca, é um tema relevante para a gente discutir. Para a gente pensar todas as possibilidades que estão colocadas pelas tecnologias, e os desafios também, para esse uso da tecnologia na cultura.

Eu começo falando sobre como a gente tem trabalhado esse tema nas pesquisas do Cetic. Então, por um lado, tratando das práticas de investigar as práticas culturais da população brasileira na Internet. O eixo que começou em 2016 com o estudo qualitativo, cultura e tecnologias no Brasil. Depois, a gente passou a fazer um estudo quantitativo, através da pesquisa TIC Domicílios com o módulo específico de atividades culturais, que é publicado a cada dois anos, desde 2017. E mais recentemente, o painel TIC Covid-19, que tratou especificamente do uso da Internet durante a pandemia e eu vou falar um pouquinho para vocês.

E por outro lado, o acesso e o uso dessas tecnologias por equipamentos culturais brasileiros, com a TIC Cultura, que também vem sendo realizada desde 2016, a cada dois anos, e hoje temos o prazer de lançar a terceira edição, de 2020. Então, começando pelo painel de Covid, a gente fez essa pesquisa com os usuários de Internet com 16 anos ou mais. É uma pesquisa de abrangência nacional. E ele foi, os dados foram coletados entre junho e julho do ano passado justamente tentando entender esse uso da Internet durante a pandemia. E um dos temas que a gente abordou foram as atividades culturais. O que a gente viu é que essas atividades que já eram realizadas, em boa medida, pelos usuários de Internet brasileiros tiveram um crescimento nesse período. Aumentou a proporção daqueles que assistiram

a vídeos, programas, filmes ou séries on-line, ou ouviram músicas, leram revistas, jornais ou notícias, então, essa intensificação das atividades culturais on-line.

Uma outra atividade que a gente investigou e que acho que é muito relevante mencionar, a questão das transmissões de áudio ou vídeo em tempo real. O Alexandre mencionou aí, o fenômeno das lives. A gente trouxe evidências sobre isso. O último dado que a gente tinha, de 2016, eram 38% dos usuários de Internet que acompanhavam transmissões desse tipo. Isso quase dobrou para o ano passado. Mas tanto para essa quanto para as outras atividades que eu mencionei anteriormente, a gente vê que ainda são atividades realizadas em maior proporção aí por indivíduos com maior escolaridade, das classes mais altas. Ou seja, apesar dessa intensificação do uso das tecnologias, em especial da Internet, a gente continua a ver muitas desigualdades nesse acesso.

E um outro dado que a gente levantou foi a ampliação do pagamento por serviço de filmes e séries e pagamento por serviços de música durante a pandemia, por um lado. E por outro lado, a diminuição aí na compra de ingressos para eventos, como cinema, shows, peças de teatro, exposições, aí claramente como efeito do fechamento das instituições culturais e da suspensão dessas atividades presenciais.

Então, agora, passo para a TIC Cultura. Como o Alexandre falou, é um resumo mesmo de alguns dos principais resultados das pesquisas. Na TIC Cultura, a gente tem como objetivo compreender a presença e adoção das tecnologias de informação e comunicação nos equipamentos culturais brasileiros, aí tanto do ponto de vista da gestão interna quanto do relacionamento com os públicos. Também é uma pesquisa de abrangência nacional. E tivemos aí a coleta dos dados dessa terceira edição entre fevereiro e agosto de 2020. É muito relevante falar disso porque o planejamento dessa pesquisa e o início da coleta se deu antes da emergência da crise sanitária no país, então ela não foi planejada como uma pesquisa para medir as transformações no contexto da pandemia ou geradas como efeito da pandemia, mas ela nos ajuda a compreender esse cenário na medida em que retrata a apropriação dessas tecnologias pelas instituições culturais e qual era o preparo que elas tinham para lidar com os desafios todos de migrar suas atividades para o ambiente digital.

Então, é uma pesquisa feita por telefone com gestores desses equipamentos culturais. Tivemos uma amostra aí no ano passado de mais de 2 mil equipamentos, entre arquivos, bens tombados, bibliotecas, cinemas, museus, pontos de cultura e teatros. O que a gente faz é pegar o cadastro existente de cada um desses tipos de instituição e selecionar uma amostra. Então, por exemplo no caso das bibliotecas, é o cadastro do sistema nacional de bibliotecas públicas; no caso dos museus, cadastro nacional de museus e assim por diante.

Os principais resultados, começo falando um pouquinho de infraestrutura. A gente vê aí que o uso de computador e Internet estava

praticamente universalizado em quase todos os tipos de equipamentos culturais, exceto entre bens tombados, bibliotecas e museus. Então, no caso das bibliotecas e museus, por exemplo, a gente tem cerca de um quarto das instituições que sequer usavam a Internet. Mesmo que para atividades muito básicas, administrativas, enfim. Não faziam uso da rede. E por outro lado, a gente investiga também com que medida essas instituições disponibilizam o computador e Internet para acesso do público. E aí, eu destaco, sobretudo, arquivos, bibliotecas e pontos de cultura, em que cerca de metade das instituições disponibilizam essas tecnologias para o público. Claro que em um cenário de pandemia isso fica comprometido com o fechamento das instituições, mas acho que é um dado muito relevante do papel desses equipamentos em prover o acesso à Internet e inclusão digital por parte da população.

A presença na Internet dessas instituições se dava muito mais, em maior medida, né, através de redes sociais, do que sites próprios ou de terceiros ou mesmo aplicativo para celular ou tablet. E aí, eu destaco, em especial, o crescimento da presença dos museus nas redes sociais, de 48% em 2018 para 56% em 2020. Eu acho que é um resultado muito em linha com pesquisas que têm sido feitas a nível internacional pela Unesco, pelo Comitê Internacional de Museus, que vê e que viram essa adesão dessas instituições às redes sociais.

Nos websites, a gente investiga quais os recursos que são oferecidos. E aí eu chamo a atenção que a divulgação de informações muito básicas, institucionais, endereço, contato, horário de funcionamento e da programação de atividades está muito mais presente do que, por exemplo, as transmissões de vídeos ao vivo ou a possibilidade de fazer uma visita virtual através do website. Então, é um dado que mostra o uso dessas ferramentas muito mais para divulgar, se comunicar com os públicos visando atraí-los para as suas atividades, anteriormente presenciais, do que chegar até esses públicos, ampliar o alcance das atividades através da oferta de atividades ou serviços remotos. Eu destaco também um pequeno crescimento na transmissão de vídeos ao vivo, em especial entre arquivos, museus e teatros.

E aí, quando a gente fala das atividades dessas instituições na Internet, claro que as atividades de comunicação são muito relevantes. A gente tem ainda uma prevalência do uso de e-mails e mensagens instantâneas, mas a gente nota na série histórica da pesquisa um crescimento do uso de videoconferência entre todos os tipos de instituição. E eu acho que é uma tendência que deve se ampliar com o trabalho remoto e mesmo com essas transmissões que eu mencionava anteriormente.

Ainda falando das atividades e dos serviços oferecidos, mais uma vez, a gente vê que se usam da tecnologia é maior para a oferta de serviços e informações de assistência ao público do que, por exemplo, para a venda de produtos ou serviços ou mesmo venda ou reserva de ingressos pela Internet. Que tem um destaque aí um pouco maior entre cinemas e teatro, com cerca

de 30% das instituições oferecendo essa possibilidade. E por outro lado, quando a gente fala de oferta de serviços de forma remota, a gente vê que oficinas ou atividades de formação a distância não estão muito presentes também. Ainda que boa parte dessas instituições ofereçam atividades de formação, é muito mais comum que elas sejam presenciais. Não existia essa prática de ofertar atividades de formação pela Internet.

E, por fim, a questão dos acervos digitais também. É um eixo que a gente investiga, temos vários indicadores sobre isso. Mas eu trouxe esse slide aqui um pouco para demonstrar que ainda que essas instituições, de alguma maneira, digitalizem parte desse acervo, esse acervo não necessariamente é disponibilizado para o público, e ainda em menor medida, disponibilizado para o público na Internet. Então, a gente tem cerca de metade dos arquivos e um quarto dos museus que disponibiliza acervo digital para o público na Internet. Então, no caso dos museus, a gente teve um crescimento na digitalização. Mas, muitas vezes, isso está voltado mais à preservação dos materiais do que à sua disseminação para um público mais ampliado.

E, por fim, eu termino com o bloco falando um pouco das questões de formação e gestão de TI, que eu acho que dialogam muito com a questão que eu coloquei inicialmente sobre o preparo dessas instituições para lidar com esse contexto todo de digitalização da cultura. A gente investigou, pela primeira vez, a formação dos responsáveis por essas instituições. E o que a gente viu foi que ainda que a maioria deles tenha um alto grau de escolaridade com ensino superior completo ou pós-graduação completa, a formação específica sobre o uso de tecnologia na gestão cultural não é muito comum. Ela chegou no máximo a 41% dos pontos de cultura.

E por outro lado, quando a gente olha para as equipes também, esse dado do gráfico abaixo, a gente vê que o treinamento dessas equipes, seja interno ou com oferta de cursos externos também não é muito comum. Tem uma proporção um pouquinho maior entre arquivos e cinemas. Mas ainda assim é um dado que dialoga muito com outras pesquisas que foram feitas no contexto brasileiro sobre os impactos da Covid no setor cultural e que mostram essa demanda, essa necessidade de capacitação dos profissionais que atuam no setor para o uso das tecnologias. Quando a gente olha também para a presença de área de gestão de TI e de comunicação, a gente vê que é mais comum terem responsáveis pelos perfis nas redes sociais e pela gestão do website do que áreas ou departamentos de TI ou contratação de serviços de TI. Então, mais uma vez, mostrando como esse uso da tecnologia está voltado para a comunicação e relacionamento com o público.

E por fim, quando a gente pergunta a percepção desses gestores sobre o grau de contribuição do uso de computador, a gente vê que a maioria diz que contribuiu muito, em maior medida para a divulgação de ações e projetos da instituição e ampliação do público das atividades realizadas no local do que para ampliar esse acesso às atividades e acervos da instituição pela Internet.

Então, eu acho que é um resumo aí do que a gente identificou com a pesquisa. Essa é a publicação que está sendo lançada hoje. Já está disponível no site do Cetic. Além da análise dos relatórios metodológicos de coleta de dados, o resumo executivo da pesquisa, a gente tem uma série de artigos de pesquisadores e gestores que atuam na área sobre efeitos da Covid, uso de redes sociais em museus, digitalização de acervos, estatísticas culturais, big data, enfim. Aproveito, então, para agradecer a colaboração de todos esses autores e autoras. E enfim, fico à disposição também. Todos os dados já estão disponíveis no site, as tabelas completas, todos indicadores. E espero que a gente tenha um debate muito produtivo a partir desses dados. Obrigada.

SR. ALEXANDRE BARBOSA: Muito obrigado, Luciana, pelo trabalho, que é uma contribuição, sem dúvidas, para que a gente tenha um raio X de como que o setor da cultura está utilizando a tecnologia, a Internet. É fundamental para que a gente tenha cada vez mais a inclusão de cidadãos e cidadãs no acesso a conteúdos culturais pela Internet. E obrigado por manter o tempo de forma tão precisa.

Bom, eu gostaria agora de passar para a nossa palestra de abertura. E eu tenho o prazer e a honra de convidar a nossa colega da Unesco, a Marielza Oliveira, que é diretora de parcerias e programas do setor de comunicação e informação da Unesco em Paris. E a Marielza, como o Marcio Migon, também tem uma vivência na criação de dados, de estatísticas. Então, para nós, é uma honra ter alguém que entenda dos impactos sociais, culturais, econômicos das tecnologias digitais na sociedade. Mas, sobretudo, alguém que sabe falar de dados, de estatísticas. Então, Marielza, seja muito bem-vinda. É uma honra tê-la conosco hoje. E eu te passo a palavra. Muito obrigado.

SRA. MARIELZA OLIVEIRA: Alexandre, obrigadíssima. O convite de estar aqui, para mim, é uma alegria enorme. Eu queria começar mandando aqui de Paris um alô muito caloroso a vocês que são nossos queridos parceiros do Cetic que é um dos maiores centros associados à Unesco no mundo inteiro. O Cetic é um tesouro nacional mesmo. Tem uma capacidade extraordinária de medir o que é mais importante e inovador no processo de digitalização que o mundo está passando. E fazer isso no Brasil, na América Latina, mundo afora. Queria também saudar os experts, os participantes, a audiência desse evento, que é tão bacana, tanto pelo lado da medição referente à digitalização quanto pelo lado à cultura, que para mim é uma alegria grande estar aqui com vocês.

Então só para situar a questão, a Unesco, que é a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura lidera nos temas culturais, porque... como a única organização da ONU com mandato para isso. E trabalhamos a partir de marcos regulatórios internacionais que definem aspectos bem específicos da cultura. E só para situar, examinamos a cultura de três ângulos diferentes. A questão dos sítios de patrimônio histórico, por exemplo, que podem ser culturais, naturais, ou uma mistura. O Brasil tem

22 dos quais 14 são culturais, patrimônio material e cultural, que tem as tradições, as expressões, crenças, práticas, rituais e etc. O Brasil tem nove que são considerados patrimônio material, como o Círio de Nazaré, o bumba meu boi, o frevo, só coisa linda, não é? As indústrias criativas e culturais que são expressões mais modernas, que incluem literatura, cinema, música, gastronomia, design, artesanato, etc. Todos esses são elementos da cultura que estão rapidamente se digitalizando. Inclusive, como resultado da pandemia, como você bem mencionou, que acelerou muito esse processo. O isolamento a que a gente foi forçado, com o fechamento das fronteiras, com o confinamento, etc., que demonstrou a importância da cultura como mecanismo de resiliência. Porque cultura conforta, cultura motiva, cultura anima, principalmente em momentos de crise. Só que essa capacidade de ajudar na resiliência humana, de contribuir para isso tem muitos limites. Depende da estrutura da economia digital e da capacidade dos processos dos atores culturais de continuar produzindo cultura e disseminando cultura, veiculando cultura de uma forma em larga escala.

Então, assim, só para a gente ter uma ideia do tamanho do impacto que o Covid teve. No mundo afora, 90% dos sítios de patrimônio da Unesco foram fechados. O turismo cultural, festivais, centros gastronômicos, cinema, etc., tiveram praticamente todas as atividades suspensas. O desastre foi tão grande que a ONU estima que foi uma perda mundial de 350 milhões de empregos. Parcial ou totalmente, só como resultado do fechamento da cultura, e das suas atividades de entorno, hotelaria, aviação, cafés e restaurantes, que a gente vai no caminho para o museu e assim por diante. E um problema enorme disso é que pequenas e médias empresas, as micro, pequenas e médias, grande parte das quais é liderada por mulheres, sofrem desproporcionalmente com isso. Por isso que é tão importante o relatório da Cetic que mede a capacidade dos equipamentos e produtores culturais brasileiros que este ano, com os efeitos sofridos como consequência da pandemia, é importantíssimo, repito, importantíssimo para as políticas de recuperação pós-Covid.

O relatório detalhado de infraestrutura das TICs disponíveis também para a cultura, também é imprescindível. Já que permite ver como o país realiza o direito ao acesso à cultura e a bens culturais por parte da população. Então, é fantástico o relatório porque ele olha exatamente dos dois ângulos. Tanto do ângulo de como a cultura continua, ou não, sendo produzida e veiculada e disseminada. Também como do ponto de vista do consumidor cultural. Qual é a oportunidade que eles têm de continuar realizando o direito à cultura. Que é um direito humano, como a gente sabe.

Então, assim, em países onde a digitalização está mais avançada, a cultura digital está se tornando um carro-chefe econômico e um mecanismo novo de interação social também. Que tem grandes oportunidades, como por exemplo, redução de patrimônio histórico, de danos, por exemplo, através de visita virtual. Mas também tem grandes riscos, como exclusão digital, exposição à desinformação, perda de privacidade por causa de coleta de dados de usuários e assim por diante.

E claro, né, também representa uma área nova a explorar, já que nos ajuda a repensar questões, por exemplo, quem é um autor ou artista, né, que hoje em dia nem sempre é o ser humano. Só para a gente ter uma ideia de quanta coisa interessante está acontecendo mundo afora em termos de cultura digital, em digitalização de cultura, em 2017, por exemplo, uma empresa de tecnologia criou um artista virtual, primeira inteligência artificial como... a compor música clássica. Que a empresa hoje comercializa com *sound track* de comerciais, de jogos, de filmes, etc. Em 2018, a casa de leilões Christie, lá em Nova Iorque, vendeu o primeiro trabalho artístico produzido por uma inteligência artificial. E em 2019, Aida, que é um robô produzido na universidade de Oxford tornou-se o primeiro robô a ter uma exposição solo em galeria. E AI, hoje em dia, inteligência artificial, está produzindo literatura, música, pintura, design, uma quantidade de coisa impressionante.

Mais recentemente, tecnologias como impressão 3D, realidade virtual aumentada, Internet das coisas, estão literalmente revolucionando as indústrias criativas e culturais. Têm aparecido novas formas de arte, novos mercados, novas cadeias de valores, tais como galerias e museus que são inteiramente virtuais, expressões culturais e performances imersivas, interativas. Arte que é coletiva, resultante da participação *crowdsourcing* da audiência. E as mídias sociais viraram plataformas para criadores de conteúdo, que é de altíssimo valor. O grupo coreano de k-pop, por exemplo, o BTS, o trabalho deles é avaliado entre 1 e 2 bilhões de dólares simplesmente por causa do engajamento dos seus fãs através de mídias sociais. Então, em março desse ano, um token não fungível, um NFT, que é uma representação criptográfica de um bem definido em uma blockchain. É difícil até de explicar isso, é difícil de falar, foi feito por um artista chamado Beeple, que foi vendido por US\$ 69 milhões. Um outro artista, Redoki (sic), lançou uma série de NFTs, também conhecida como a coleção Satoshi, cada um deles vendido por mais de US\$ 100 milhões em menos de quatro dias.

Transformação digital, enfim, na área cultural, então também está afetando profundamente os modelos de negócio culturais e criativos. Em março, por exemplo, desse ano, a banda de rock americana Kings of Leon transformou-se na primeira a lançar um álbum via NFT que 'bypassa' a indústria de distribuição e vai diretamente aos fãs, nesse processo também redefinindo quem controla os direitos culturais e autorais, não é? Tecnologia também está usada para preservar bens culturais criativos, reduzindo a obsolescência tecnológica, por exemplo, de LPs agora, para CDs e agora para cloud total, e mantendo esses bens culturais disponíveis.

Durante a pandemia, as questões de formação, capacitação e de performances on-line foram ofertadas em plataformas, oferecendo aí uma fonte de conforto, resiliência, que é um mundo que estava confinado, né, mas ao mesmo tempo que ofereceram a instituições e produtores culturais forma de manterem-se conectados às suas audiências. Só para você ter uma ideia da importância disso. Na China, onde eu estava antes de vir agora para Paris, mais de 300 museus passaram a oferecer tours virtuais. E o comércio

on-line de arte e bens culturais expandiu quase 40%. Isso na intenção de mitigar as perdas econômicas e sociais sofridas pela cultura por causa da pandemia.

Antes da pandemia os cálculos do governo chinês eram de que a cultura agrega anualmente US\$ 2.5 trilhões ao produto interno bruto do país. E é, obviamente, o interesse enorme deles de fomentar a digitalização de cultura para manter essas capacidades e esse potencial econômico. E o Brasil tem uma cultura que é maravilhosa, que é diversa, que é rica, que é profunda, que é vibrante. E o trabalho do Cetic que examina em detalhe as capacidades dos equipamentos, das instituições e dos produtores culturais brasileiros é de uma riqueza e de uma importância tal para o país que devia ser leitura obrigatória no Ministério do Planejamento, no Ministério da Educação, no Ministério da Cultura, da Comunicação e assim por diante. Pouquíssimos países têm um relatório tão completo e tão preciso sobre a questão cultural e TICs, a associação entre esses dois temas. Tão rico para definir políticas públicas, tanto para a área cultural e nas áreas transversais. Políticas fiscais, políticas educacionais, de conectividade e assim por diante.

Observações preciosas feitas no relatório, tais, por exemplo, como a distribuição regional dos equipamentos culturais, permite direcionamento dos investimentos para onde eles são mais necessários. A identificação de subsetores mais ou menos dependentes, por exemplo, do poder público, contribuem para o refinamento de políticas de incentivo. O detalhamento de como o setor cultural brasileiro está utilizando tecnologias de informação e comunicação na captação de recursos, na produção cultural, na veiculação de bens culturais, etc., permite para a gente construir políticas de capacitação mais inclusivas, com grande potencial transformativo tanto econômico quanto social e com potencial de impacto positivo em questões de gênero, que é também enorme. É o melhor e o mais completo relatório sobre cultura e tecnologias da informação que nós já vimos, sinceramente.

Então, eu queria terminar aqui dizendo o seguinte, feliz do Brasil que conta com uma equipe tão bacana como a do Cetic para apoiar esse desenvolvimento, através da produção de evidência de alta qualidade, que é o que a gente precisa mesmo. A Unesco é muito orgulhosa de ter o Cetic como parceiro. E nós esperamos que esse trabalho vá contribuir para definir pesquisas e indicadores similares no âmbito mundial, para que outros países também possam ser felizes igual o Brasil, de ter um parceiro como o Cetic trabalhando nessa área. Queria aqui terminar dizendo: uau. Estou encantada com o relatório de vocês. Muito obrigada.

SR. ALEXANDRE BARBOSA: Muito obrigado à Marielza pelas suas gentis palavras. Para nós do NIC.br e do Cetic.br também é uma honra ter essa parceria com a Unesco e poder expandir pelo menos na América Latina e nos países de língua portuguesa na África essa competência e ajudá-los também a produzir dados de forma que a honra é nossa de poder fazer parte da família Unesco. E eu acho que você tocou em pontos tão fundamentais. Não só do impacto, que é natural, decorrente do processo de digitalização

que nós viemos observando. Que é o impacto das tecnologias na produção de conteúdos culturais e também no consumo, mas você traz também a importância dessas tecnologias no momento em que todos nós estamos fechados dentro das nossas casas, em função da pandemia. Que foi a estratégia mais comumente difundida em todo o mundo, o distanciamento social. E a tecnologia, de fato, ela é uma janela para a cultura. E ficou muito claro pelos dados que a Luciana trouxe na pesquisa que nós coletamos durante a pandemia que todos os indicadores de consumo de cultura, de ouvir música, de assistir a lives, de assistir a filmes, todos cresceram. Este fenômeno é observado em todas as classes sociais. E depois, quando vocês tiverem tempo de ler a publicação e ver os dados, esses dados podem ser desagregados, por exemplo, por classe social. E a gente observa que é um fenômeno que atingiu todas as classes sociais, passaram a usar essa janela digital, digamos assim, para o mundo da cultura.

Eu agradeço muito, Marielza, é uma honra ter você aqui hoje. Muito obrigado pela brilhante mensagem que você traz. Que é, para nós, uma oportunidade de refletir sobre essa temática. Muito obrigado.

Eu gostaria, agora, então, de passar para o nosso painel de debates de hoje com os nossos ilustres convidados. E para moderar este painel, é uma honra convidar a Andrea Nogueira, que é gerente do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo. O Sesc, como todos nós brasileiros, sabemos que é uma joia nacional, tem um papel fundamental na universalização de bens culturais. Graças ao Sesc, nós temos a possibilidade de envolver os brasileiros no mundo da cultura tão fundamental como qualquer outra dimensão econômica e social, como a educação, por exemplo. A cultura é fundamental para o crescimento do nosso país. O nosso debate de hoje vai girar em torno de barreiras e oportunidades para a oferta e fruição cultural na Internet. Está aí a Internet de novo como sendo essa janela. Então, Andrea, é uma honra tê-la também conosco. A Andrea, de longa data, tem sido uma parceira do Cetic em muitas áreas, mas sobretudo na área de cultura e educação. Temos um programa em conjunto, já há três anos, levando uma reflexão sobre cultura, educação e tecnologias. E eu pediria à Andrea, então, para apresentar os nossos três ilustres convidados. Muito obrigado, Andrea, por esse tempo conosco. Você tem a palavra.

SRA. ANDREA NOGUEIRA: Muito bom dia a todas, todos, 'todes'. Agradeço ao NIC, ao Prof. Demi Getschko, à Sra. Marielza Oliveira por essa belíssima apresentação, ao Marcio Migon, ao Cetic na pessoa de nosso querido amigo Alexandre Barbosa, que com sua equipe, Luciana Lima e Fábio Senne, faz do cotidiano um valoroso trabalho de conexões. O Cetic desenvolve as pesquisas como se fossem rizomas que se desdobra em possibilidades e dá uma longa parceria com o Centro de Pesquisa e Formação do Sesc.

Bom, diante desse mundo dantesco em que estamos presos, um encontro como este nos anima e nos dá um alívio de esperança e de perspectiva, se constituindo enquanto poética da relação e dos saberes que

tanto nos acalenta. Entre tantos momentos dramáticos que vivemos, aprendemos que o problema social da morte é o maior deles. São quase 500 mil pessoas, parentes, amigos, desconhecidos que se evaporaram no país, sem despedida, na solidão. Todas as leituras posteriores que fizemos desse momento trará que esse vírus propagou não apenas a doença mas a miséria humana e, o pior, a desigualdade e a fome que despedaça vidas. E é nesse esteio de dor que a solidariedade, a inclusão, a distribuição equânime de renda devem ser mais do que uma intenção mas justamente um objetivo irremediável que devemos perseguir.

E a cultura sempre foi um indicador desse objetivo. Indicador comum do novo que é possível, lembrando o Mauro Lúcio Souza, ao resistirmos. A resistência deverá vir certamente, não apenas de quem atua na área, mas o mundo todo foi impactado por uma profunda nostalgia de comunidade. Na cultura, fomos impactados na capacidade do diálogo, na recepção do público, nas receitas, nas relações com os parceiros, com o meio. Além, claro, fomos impactados mentalmente. Aos trancos, trocando a roda do carro em movimento, e muitas vezes, capotando junto, o universo digital se tornou o único meio de contato. E como nos mostra tão bem a terceira edição da TIC cultura, requereu de nós muitas soluções.

Um olhar ampliado para as alternativas criadas por vezes pelo mundo corporativo foi adaptado para dar visibilidade e não perdermos a relação de pacto com o público, esse engajamento. Exposições, shows, aulas se revestiram de uma outra configuração. Nas lives, descobrimos outras formas de nos socializar. Virtualizamos os olhares. No Sesc, tivemos que aprender e muito como falar, como fazer a mediação cultural tão cara para nós, como contribuir com toda a rede de espaços culturais que sempre estiveram conosco. Espaços culturais que se reinventaram, flexibilizaram para, sobretudo, tentar sobreviver. E é desse cotidiano que exigiu simplicidade que só vem com muito trabalho, como nos lembra a Clarice Lispector, é que estamos aqui para discutir sobre essa realidade no país, agora tão bem sistematizada nessa belíssima pesquisa.

E assim, tenho o prazer de apresentar a oportunidade maior que está com a minha bibliografia e uma imensa relação de afetos. Estar com Isaura Botelho, Bel Mayer e o Jader Rosa, esse mais novo velho amigo, é um vigoroso ânimo para mim e certamente para o público que também agradeço. Então, a Isaura, formada, a querida, formada em literaturas vernáculas pela UFRJ, doutorado em ação cultural na Escola de Comunicações e Artes da USP e pós-doutorado no Deps, no Ministério da Cultura da França. Referência fundamental na área inspiradora de muitos gestores, Isaura não apenas vivenciou, mas enredou e mobilizou inúmeros processos da história da política no país. Começou a passagem na Funarte que deu origem ao romance de formação. Funarte e política cultural. Publicou pelas edições do Sesc Dimensões da Cultura e temos a imensa sorte de tê-la como consultora do Centro de Pesquisa e Formação.

O querido Jader Rosa, do Itaú Cultural, designer e mestre em multimeios pela Unicamp. Atualmente atua como gerente do observatório do Itaú Cultural, com o propósito de investigar e fomentar a economia criativa, além de contribuir para a formulação de políticas culturais no país. Seus trabalhos já foram expostos em bienais de design e festivais de mídia eletrônica.

E a queridíssima Bel Santos Mayer, educadora social, coordenadora do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário, o tão importante Ibeac. Cogestora da rede LiteraSampa, formadora de jovens mediadores de leitura, docente de pós-graduação, literatura para crianças e jovens do Instituto Vera Cruz. Mestra em turismo pela USP, recentemente, tem especialização em pedagogia social pela Unisal.

Muito bem-vindos, é uma delícia compartilhar, como já falei. E inicio pela Isaura, por uma questão que também é fundamental a todos nós, como a pandemia alterou as práticas culturais da população brasileira, Isaura? E como a ampliação da importância das plataformas digitais afeta os públicos da cultura e a produção, a oferta cultural de artistas e das instituições? Isaura, por favor.

SRA. ISAURA BOTELHO: Bom dia a todos. Eu queria, especialmente, dar um abraço em Alexandre, esse fã que a vida me trouxe, que... a Luciana, a Marielza, a todos os demais. Eu diria o seguinte, a apresentação da Andrea me fez ficar encantada comigo mesma. Então, eu não sei se eu vou corresponder à imagem que ela passou e vou colocar algumas observações, não só vindas da leitura rápida das pesquisas, mas muito impregnada pelo momento que nós estamos vivendo. Marielza, realmente, a sua fala é encantadora e otimista. E concordo com você que o que o Cetic faz deve ser, de fato, algo exemplar no mundo inteiro. Agora, eu juro para você que eu queria estar em Paris com você, e não aqui. Porque a situação está para lá de preta, entendeu? Está terrível. E é difícil a gente não se deixar contaminar pelas mortes e pela... em princípio, uma falta de perspectiva de mudança nesse quadro atual.

Agora, o que eu gostaria de começar, Andrea, é claro que eu incorporo as suas perguntas. Mas é fazer um panorama geral da presença das novas tecnologias digitais, que já haviam aberto um universo quase infindável de possibilidade de conhecimento, práticas e de sociabilidade. De repente, não mais que de repente, o uso dessas novas tecnologias tornou-se incontornável diante das novas necessidades que atropelaram o mundo social com o advento da pandemia do Covid-19.

Então, essa radicalidade, realmente, cria uma situação de uso que não pensávamos que seria tão rápido. Com o fechamento de espaços culturais e com a imperiosa necessidade de isolamento social, houve uma radicalização do uso das TICs em todas as áreas. No que me interessa aqui, houve uma mudança radical no cenário que presidia a vivência e fruição de atividades artísticas dantes predominantemente presenciais. É como se diz, a cultura gosta da aglomeração, não é?

Passado o primeiro momento em que o susto era maior do que a capacidade de resposta aos novos desafios, artistas e instituições começaram a acordar, e o público a responder a reconfiguração da cena. Se já tínhamos em curso uma mudança radical de ordem simbólica e a emergência de novas formas de conhecimento e de sociabilidade, de uma hora para outra, esta passou a ser moeda corrente. Aquilo que prevíamos como mudanças em médio prazo, de repente, tornou-se de uma urgência indiscutível. Grande parte das atividades humanas vinha gradativamente se deslocando e se apropriando desse universo virtual. Tendo... mas neste momento nos vimos confrontados com mudanças para as quais não estávamos preparados, tendo de recorrer de maneira compulsória a computadores, tablets ou telefone celular para acessarmos a Internet para as atividades mais mezinhas do nosso cotidiano.

Diante deste quadro, instituições importantes como a Unesco, associada à USP e ao Sesc, o Itaú Cultural, o Cetic, o Observatório de Economia Criativa da Universidade Federal da Bahia, para citar apenas alguns, se mobilizaram para desenvolver pesquisas que dessem conta das novas inflexões que aconteciam. Vejamos o que é possível depreender das pesquisas do ponto de vista das práticas culturais. Em primeiro lugar, uma questão que não se alterou é que as pesquisas apontam as enormes desigualdades digitais que permanecem no país. E que não poderia ser diferente na medida em que elas são reflexo das enormes desigualdades sociais e econômicas. Além da quantidade de equipamentos, nós temos aí um problema sério com a qualidade deste acesso. Já que as pesquisas mostram que a maior parte do acesso dos brasileiros é feita por telefone celular.

Sabemos que as variáveis determinantes da intensidade da relação dos indivíduos com o universo da cultura são o nível de escolarização e renda, sendo que a escolarização é mais importante que a renda, a faixa etária e a localização familiar. Que eu já tinha, em outro evento até do Cetic, dito que uma das grandes vantagens do digital é que a questão da localização familiar ficou relativizada com as TICs. No entanto, a gente vê pelos lados que em regiões mais remotas, o acesso é muito pior, ou quando as pessoas nem têm equipamentos para acessar a Internet.

A pesquisa mostra também outra coisa que é uma variável importante no caso das práticas culturais, que é a questão da faixa etária. Essas pesquisas que eu mencionei, a maioria delas aponta para o protagonismo dos jovens e o relativo retraimento daqueles que formam famílias e mais ainda dos idosos. Então, vejam bem, essas variáveis continuam tendo um peso enorme quando se fala em prática cultural via Internet. Os valores são os mesmos, mesmo que esse acesso tenha aumentado muito, muito, e em todas as classes sociais, isso é um dado muito importante, as pesquisas confirmam largamente o peso dessas variáveis.

Aí, pesquisando mais coisas, eu vou entrar até em um terreno do Jader, porque eu vou citar uma publicação do Itaú Cultural, da revista do

observatório cultural, que foi algo que me trouxe um certo alento. Porque é um artigo sobre centros, como centros culturais e museus contornaram e desenvolveram algumas ações de engajamento e de atração de público. Aí, eu não poderia... Já passou o tempo?

SRA. ANDREA NOGUEIRA: É. Eu vou dar uma piscadinha.

SRA. ISAURA BOTELHO: Tá. Só para... A questão básica é o seguinte, as variáveis do consumo presencial e digital são as mesmas, a desigualdade continua sendo brutal, e depois, a gente conversa sobre os outros aspectos.

SRA. ANDREA NOGUEIRA: Obrigada, Isaura.

SRA. ISAURA BOTELHO: Eu que agradeço. Desculpe aí.

SRA. ANDREA NOGUEIRA: A gente se empolga porque está na nossa veia. Jader, querido. Bom, compartilhamos, como grandes instituições se adaptaram a esse novo contexto para ofertas de atividades on-line? E quais foram os maiores êxitos e as maiores dificuldades? E como as instituições culturais podem ter uma atuação mais consistente no relacionamento com o público na relação com a Internet? Por favor.

SR. JADER ROSA: Olá a todos e a todas. Muito obrigado pessoal da Cetic e NIC.br pelo convite. E é um prazer estar aqui dividindo essa mesa, esse momento com Marielza, com você Andrea, e com Isaura e Bel. O Itaú Cultural tem uma atuação no ambiente computacional. Nós surgimos com a parte digital, com uma base de dados lá em 1987 que as pessoas iam até o Itaú Cultural para ver, de um lado, em uma tela, uma imagem, e outro, o verbete dessa imagem. E isso depois deu origem à Enciclopédia Itaú Cultural, que hoje tem mais de 228 mil verbetes. Já são 20 anos que estamos com essa base grande de artistas brasileiros.

E o nosso site também tem, não é só um site de serviço, né, muito o que trouxe a pesquisa da TIC Cultura mas também um site de conteúdo, com mostras, com artigos e com entrevistas. Mas é fato que não foi fácil para ninguém. Então assim, me conecto super nas falas iniciais, o que a Isaura traz é extremamente importante, pensando na desigualdade e como atuar nesse campo e para promover a equidade. Pegando um dado da TIC de domicílio de 2019, são 47 milhões de brasileiros sem acesso à Internet. E a cultura, às vezes não é necessidade básica dessa pessoa quando ela vai precisar acessar alguma coisa. Então, assim, a gente tem uma barreira a atravessar e a conquistar.

Pensando na parte nossa de como se apropriar com esses conteúdos e pensar modelos de fruição, a gente precisou se adaptar rapidamente. A vantagem que eu identifico que o erro, neste momento, ele era permitido, vamos dizer assim, porque as pessoas estão em fase de adaptação. Então, não é grave cometer um erro, ou equívoco. É momento de testar. Vejo que algumas áreas que não tenham *core* direto ligado às áreas computacionais, eu digo isso, por exemplo, a área de produção de evento, ligado à produção de palco, luz, iluminador, essas áreas tiveram impacto maior. E no nosso caso, isso fez uma transição pensando em formato de lives, de webinar,

ocupar este lugar. E também, a gente atuar de forma mais transversal entre ações e projetos.

Além disso, um aprendizado também de como a gente faz essa mediação e se conecta com o público. Então, qual é o modelo ideal de um curso? Faz aberto, faz fechado, com inscrição? O tempo das coisas. É duas horas, é uma hora, é 30 minutos? Mensurar isso com dados, com *analytics*. Então, assim, não foi simples. Colocaria também, o que eu identifico como um grande êxito nosso, justamente nesse campo da desigualdade, que foi um edital que nós abrimos que foi o Arte como Respiro, que depois gerou, isso, um festival. Então, a gente teve 900 inscritos e geraram aí em torno de 314 apresentações. E também, ações paralelas, como palco virtual, que era voltado fisicamente ali para a área de música e de artes cênicas.

Esse edital, a gente contemplou a arte(F) de artes cênicas, música, literatura, poesia surda, isso é um dos vieses nossos, do Itaú Cultural, apostar também na acessibilidade, e também em artes visuais.

Mas eu vejo que para a gente pensar nessa relação com o público são duas vertentes. Uma é democratizar o acesso. A gente fez uma pesquisa também, em setembro, com parceria com o Datafolha e os dados são muito similares da TIC Cultura, o acesso é maior à classe A e B, com maior escolaridade. Mas quando a gente pergunta para as classes C e E, a D e E, eles têm o interesse, falam assim: sim, este momento teve maior democratização de acesso. E eu tenho interesse em fruir e em acessar. Então, como a gente faz a democratização e promover, acima de tudo, a participação, e a colaboração? E um lugar que a gente acredita muito é através da formação. No ano passado, no final do ano, em novembro, nós abrimos a Escola Itaú Cultural e pegamos recorte de março a março, período da pandemia, de 20 e(F) 21, a gente teve 19 cursos na plataforma e a gente tem aí em torno de 2,2 mil vagas sendo ofertadas. Então, um pouco é e esse panorama.

Além disso, também, pensando nos cursos, os cursos são todos gratuitos, são todos abertos, gratuitos. Nesse aprendizado que eu citei no início da minha fala, a gente viu que é interessante adaptações, então, quando tem grande interesse, a gente faz chamadas abertas para o público, depois a gente fecha em um grupo ali da inscrição e depois a gente volta em um novo módulo aberto, novamente, para a gente contemplar o maior número de pessoas. A gente iniciou um mestrado profissional, indústria, economia da cultura, indústrias criativas, com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E temos também uma pós *lato sensu* com o Instituto Singularidades sobre artes comparadas. Então, assim, são movimentos de formações, todos em formato gratuitos. E no caso do Instituto Singularidades, ele acontecia no presencial e precisou se adaptar rapidamente para esse modelo de Internet, formato EAD, e em formato também que as pessoas pudessem fazer algum exercício e compartilhar remotamente. Então assim, em linhas gerais, é um pouco dessa frente que a gente atuou.

SRA. ANDREA NOGUEIRA: Obrigada, Jader. São várias referências que o Itaú Cultural sempre manteve há muitos anos, há 30 anos. Bel, querida, os potenciais identificados para a realização de atividades culturais pela Internet, como que podemos aproveitá-los, esses potenciais, essa nova dimensão? Por outro lado, quais as desigualdades existentes no acesso e no uso da rede? E como podemos enfrentá-las?

SRA. BEL SANTOS MAYER: Bom dia a todas, todos e 'todes', que satisfação estar aqui, podendo ajudar a ilustrar os dados dessa pesquisa, e ao lado do Jader, da Isaura, da Andrea. Acho que começar, né, acho que Isaura já trouxe aí muitos dados sobre essa desigualdade. E nos lugares onde eu estou, que são as bibliotecas comunitárias, nas bordas do nosso país, nas áreas mais periféricas, a situação para nós foi mais do que desesperadora. Porque uma coisa é quando a gente olha os dados, os números das pessoas que não têm acesso. E a gente sabia exatamente o que estava significando para nós falar das tecnologias. Os acessos, geralmente, eram nos espaços comuns, acontecem nos espaços comuns. É ali que nós partilhamos os livros, o acesso à conexão, o computador coletivo. E quando nós tivemos que encerrar, fechar as portas desses espaços, deu um desespero estar em casa.

Então, o nosso lugar também foi aquele de fazer com que o isolamento social não virasse um abandono. Porque a gente ouvia as mensagens, "Então, agora, a gente vai ter mais tempo para ler", "Agora, a gente vai poder acessar tudo o que está disponível", e o celular que era o único equipamento dentro da casa, às vezes um único celular, ele estava em função do trabalho, e não da cultura. O celular, ele pertence àqueles que tiveram que se mover para que outros pudessem parar e usufruir da cultura. Porque quem é que estava levando as coisas para as casas de quem não podia se mover? Aqueles das bordas da cidade. Então, o celular saía de dentro da casa, e quem ficou, ficou sem nada.

Então, as nossas mobilizações passaram a ser: a gente precisa fazer com que o isolamento não seja abandono. Então, campanhas para que as pessoas pudessem doar celulares funcionando, porque também, quando a gente cria essas campanhas em situações de crise, alguns decidem fazer faxina dentro de casa e dar cabos, computador que não funciona mais, celular com tela quebrada. Isso também não adiantava. Então a gente tinha esse desafio de como garantir a dignidade das pessoas que estavam com medo e isoladas naquele momento, então, conseguir convencer as pessoas a doar equipamentos que funcionam. O compartilhamento das conexões, dos poucos lugares em que tinham conexões. A gente começou a fazer uma formação em letramento digital. Aprender, porque, para nós, é simples. Olha, eu estou mandando o link, como nós estamos aqui nessa conversa, nós estamos em um link, as pessoas que estão acompanhando estão em outro. A gente precisava dizer o que é link, como a gente clica no link para entrar, como a gente fecha microfone. Então, a gente começou a fazer formação mesmo em cima disso. Quando a gente conseguiu garantir minimamente ter os equipamentos. A gente começou a chamar as pessoas que já usavam uma linguagem digital, lugar para armazenamento. E aí, nós fizemos mesmo

formações com a rede LiteraSampa, foram oito encontros em que nós trazíamos essas pessoas, falava: Olha, então, agora vocês precisam vir aqui e traduzir isso em uma linguagem que a gente entende. Porque essas coisas já estavam prontas, já estavam lá.

E aí, a gente começou a entender o que significava armazenar, essa coisa de estar nas nuvens. A gente só usava o estar na nuvem para dizer que a gente sonhava. A nossa cabeça está nas nuvens. De repente, as nuvens viraram lugar onde você precisava guardar as coisas. E a gente, com esse desafio, de traduzir isso, eu gostei quando a Isaura falou que, de repente, essa posição dentro do núcleo familiar mudou um pouco. Então, a gente pegou jovens para fazer mesmo essas conversas intergeracionais. Mas aí, a gente descobriu que também os jovens, eles sabiam usar Instagram, Face, TikTok, mas também não sabia desenvolver um processo de estudo que a faculdade virou digital, o ensino médio, a escola dos irmãos. Então, tudo tinha que ser resolvido pela plataforma. Então, como pensar um método de estudo? Como fazer isso quando a mesa de estudo que eles usavam dentro da biblioteca, ou mesmo lá no Itaú Cultural, nas bibliotecas públicas, nas unidades do Sesc, tudo fechou? Então, a gente precisou construir o direito ao silêncio dentro da família.

Alguns meninos desenvolveram jeitos de mudar a hora de dormir. Dormir de manhã para poder trabalhar na madrugada. Porque é o único horário que você tinha silêncio para fazer a leitura. Nós estamos falando de casas... Nós estamos falando do Brasil, com toda a nossa diversidade. Casas que você tem duas luzes, duas lâmpadas, que ilumina a casa inteira. Aí, como é que você faz os vídeos e os estudos na madrugada? Então, nós desenvolvemos técnicas para gravar vídeo embaixo do cobertor com a luz do celular, para enxergar o livro. E a gente foi traduzindo tudo isso, não é? Então, acho que uma coisa interessantíssima para nós, que aí as pessoas chamavam a gente: "Ah, vocês podem gravar vídeo de mediação de leitura?", sei lá quantos vídeos a gente gravou lendo livros, porque quando começam a acontecer os eventos digitais, a gente queria alguém para ler.

E as pessoas não imaginavam isso, mandavam para a gente lá o roteiro do que precisa cumprir, da conexão, é assim: Olha, aqui a gente usa a conexão do vizinho. Então, não dá para a gente conectar o nosso computador no roteador. Porque a conexão que a gente tem é essa. Então, eu acho que uma oportunidade, Andrea, foi essa de aproximar um pouco mais esse Brasil desigual. Porque o que a gente começou a fazer foi não recusar os convites, mas colocar a nossa realidade.

Então, as pessoas começavam a chamar a atenção, uma coisa interessante, porque os meninos criaram, os jovens das bibliotecas comunitárias, a primeira estante de livros das suas famílias. E uma vez, alguém mandou para a gente uma mensagem, falou: "Olha, tenta usar um fundo digital, porque, assim, fica todos esses fundos com livros", e um dos jovens respondeu, falou assim: "Olha, essa é a primeira estante de livro dentro da minha família. Então, isso que vocês já cansaram, a gente está

inaugurando. Então, a gente quer, sim, estar na frente dos nossos livros. E mostrar que existe uma periferia que lê." Então, eu acho que o que essa situação toda trouxe para a gente, e como potenciais, foi de a gente conseguir construir jeitos de entrar nesse universo, de conseguir traduzir esses dados para aquilo que a gente vive, para esse Brasil que é a gente também. A gente também quer fazer parte desses dados da TIC. A gente também quer estar lá dentro, quer entender, quer conversar sobre esses dados. Nós começamos em todas, e aí eu vou concluir, né, porque a gente tem aí mais perguntas para conversar. A gente começou a, em todas as mesas que a gente participou, que nós participamos, a gente começou a perguntar, falou: E aquele Fust, e aquele fundo para desenvolver, para conseguir democratizar a tecnologia? Será que não está na hora desse fundo aí funcionar? Porque a gente também quer estar conectado.

E aí, dentro das nossas formações, a gente começou a discutir também conteúdo. Porque a gente sabe que não adianta só a gente ter acesso, a gente está no país das *fake news*, no mundo das *fake news*. Então, como a gente discute conteúdo? Como a gente aprende a pesquisar uma informação que chega para a gente, para conseguir descobrir qual é a fonte? Então, tudo isso virou oportunidade, tudo isso virou potência. E aí a gente começou, nós estamos falando de pessoas que estavam também com medo de passar fome. Nós voltamos para o mapa da fome, não é? Cinquenta e oito por cento dos brasileiros têm algum tipo de medo se vai ter o que comer até o final do mês, até o fim da semana, até amanhã ou até hoje à noite. Então, a gente começou a discutir fome e cultura. Então, nosso movimento, nós começamos a chamar de quatro Ps, pão, poesia, proteção e plantio. E a gente levou tudo isso para o espaço digital.

Então, a gente falou: Ninguém aqui... a gente precisa saber quem está com fome. A gente tem que compartilhar a comida, compartilhar a conexão, compartilhar poesia, porque a gente precisa acreditar que a gente vai sair dessa história e a gente precisa plantar junto. Então, a gente começou a fazer as nossas hortas que estavam nos quintais virar hortas comunitárias para a gente ver a vida brotar de novo. Então, eu acho que é isso, a gente foi pegando essas desigualdades, compartilhando com mais pessoas. E aproveitando o que tem de potência.

SRA. ANDREA NOGUEIRA: Qualificando sempre, né, Bel. É o seu trabalho, é esse, de qualificar os saberes. Isaura, agora eu parto, partimos para as perguntas do público, nessa segunda rodada. E eu vou puxar uma aqui da Maria Botelho, "Em que medida também não nos tornamos reféns da TIC no setor da cultura? Percebe-se uma exaustão e vazio no sentido... de sentido na rede."

SRA. ISaura BOTELHO: Perguntinha complicada, né, D. Maria? É minha sobrinha, que está em João Pessoa. Olha, eu acho que, sim, eu acho que nós ficamos reféns. Mas eu confesso a você que eu estou muito mais sensibilizada pelo quadro que a Bel trouxe do que com qualquer vazio nosso. Porque, veja só, as pesquisas mostram que são os mais escolarizados, de

melhor renda, que são aqueles que podem selecionar. É uma coisa que eu falo há muito tempo, o repertório cultural de cada um preside o que você busca. Então, eu confesso a você, Maria, que eu não tenho vivido esse vazio. Porque, na verdade, eu posso selecionar. Eu posso selecionar o que eu vou ver, como eu vou ver e a que horas vou ver, e alternar isso com outros tipos de fruição.

Agora, a radicalidade da necessidade desse isolamento, realmente, fez com que a nossa porta de contato com o mundo fosse por meio das tecnologias de informação e comunicação. Isso aí, a gente não consegue escapar muito disso. Por exemplo, uma coisa que me chamou a atenção, e aí, foi no caso da pesquisa do Itaú, é que as pessoas, o que mais sentiram falta foi cinema público das capitais e shows e circo do interior. Eu falei: Que coisa interessante. É o que mais tem também na Internet, é a possibilidade de você ver filmes e ouvir música. Então, eu fiquei me perguntando, na verdade, a busca do mesmo, quase como um algoritmo de vida. Enquanto que a busca por conhecimento e novos conhecimentos, as pessoas sentem falta disso, mas em quinto lugar. E 18% das pessoas não sentem falta de nada. Então, tudo isso, eu acho que relativiza essas grandes afirmações complicadas de vazio e de refém.

E uma coisa, por exemplo, que me chamou a atenção que vai na direção daquilo, das minhas preocupações, é que a porcentagem maior daqueles de classe C, D e E, que passaram a realizar ou a ver coisas que não faziam antes são os que demonstram mais desejo de praticar essas coisas depois da pandemia. Aí, eu fiquei pensando se não é o efeito perverso, o de não poder ver aumenta o seu desejo e você afirma que lá na frente você vai realizar essas atividades. Embora eu não confie nas pesquisas, eu não confio na questão da expectativa. Porque a sua resposta é em cima daquilo que você está vivendo no momento. E aí você projeta desejos que não necessariamente você realiza. Não sei se eu respondi a Maria, mas...

SRA. ANDREA NOGUEIRA: Respondeu sim. Jader, você gostaria de complementar? Por favor.

SR. JADER ROSA: Gostaria, sim. Obrigado. Eu colocaria outras questões, eu acho que nesse período todo tem uma exaustão, sim, das telas, um cansaço. E a gente tem essa estafa de lives, webinar. Então, como se reinventar nesse campo.

Por outro lado, tem um dado superinteressante que precisa aferir com mais cautela que é a questão da saúde mental. E muitos dados mostram quanto o brasileiro usou mais antidepressivo nesse período. Mas, porém, na nossa pesquisa também com o Datafolha a gente fez um bloco muito pequeno sobre a saúde mental. A gente está rodando uma nova pesquisa. Vai sair os dados na segunda quinzena de julho porque a gente quis conhecer um pouco mais os dados sobre esse campo. E assim, as pessoas disseram que concordam que diminuiu o estresse e ansiedade, 44%; diminuiu a sensação de solidão, 54%; melhorou o relacionamento com outras pessoas em casa, 58%; aumentou o interesse por atividades culturais on-line, 70%. Então, o

campo da cultura tem um campo gigante para a gente atender esse problema que é um problema de saúde, que a gente está sendo intensificado ainda mais nesse momento.

E colocando um outro ponto, complementando o que a Isaura trouxe, do potencial do cinema, do circo, colocaria a biblioteca também. Na pesquisa mostra que parte dessas atividades é legal fazer com a outra pessoa. Então, por mais que a gente tenha uma oferta na Internet, com streaming, eu me deslocar, eu conversar, eu ter a troca, isso é colocado ainda. Isso faz parte da nossa essência. O circo, ele é uma atividade que pode ser feita independente do espaço. Não precisa ter um prédio, você, basta ter, ser criativo, em qualquer lugar você faz o circo. E as bibliotecas, elas estão no bairro. Não tanto a relação, às vezes, com a parte cultural e as bibliotecas são esses polos de promover encontro, saraus, workshops, oficinas, acontece no bairro. Então, meu deslocamento é menor e a minha relação com o meu entorno é muito maior. Então, eu acrescentaria essas variáveis, são importantes também para a gente debater e conhecer, e aprofundar ainda mais em outras pesquisas.

SRA. ANDREA NOGUEIRA: E aí pegando o gancho, eu também passo para a Bel. E com as duas questões que vieram do público, da Maria, Marisa, "Como repensar o papel das bibliotecas locais como mecanismo de acesso digital e físico?", e do Henrique Turner: "A maioria das bibliotecas públicas ainda estará fechada para os leitores, como resgatar esses leitores após reabrimos?". E o significado dessas bibliotecas, né, Bel?

SRA. BEL SANTOS MAYER: Pois é. O que eu vi acontecer com as bibliotecas, as comunitárias, principalmente, por isso que o Jader traz esse enraizamento que a biblioteca tem na comunidade, foram as bibliotecas que começaram a fazer essas ações emergenciais. Então, nós, não teria esse momento de resgatar, Henrique, porque a gente não abandonou as pessoas. A gente teve iniciativas que foram desde a distribuição de livros casa a casa, isso demorou um pouquinho, a Rede Nacional de Bibliotecas desenvolveu todo um protocolo junto com um médico sanitário, porque a gente queria entender que riscos teriam o livro, então, qual o tempo que o livro precisava também ficar na quarentena. Enquanto isso, na zona sul de São Paulo, o carro do ovo foi um aliado para fazer os podcasts de leitura circularem dentro dos bairros. Porque a gente sabia o quanto a literatura poderia oferecer esse colo que ela sempre ofereceu. Então, a família, nossa família literária precisou estar lá presente o tempo todo.

As bibliotecas públicas em São Paulo, a Biblioteca Mário de Andrade, que é uma que é referência, começou a chamar as pessoas que têm a sua história com a literatura, aqueles que muitas vezes estão lá nos bastidores, os mediadores que são aqueles que fazem a literatura ser compartilhada dentro dos territórios, para contarem as suas histórias. E essas histórias foram veiculadas pelas várias redes sociais. Então, eu acho que teve todo esse movimento, a biblioteca que eu faço parte acabou criando uma agência de comunicação. Era um podcast, depois eram mediações de leitura, depois

virou uma agência, Vozes Daqui de Parelheiros. A gente falou: Vamos organizar aí o direito humano à comunicação e todo mundo podendo falar. E isso tem se repercutido em várias outras bibliotecas.

Então, eu acho que, assim, a vontade que a gente tem é de chegar logo, se encontrar, aglomerar, como a Isaura trouxe aí no início, essa vontade do estar junto, no espaço físico. Mas eu tenho percebido que a gente continuou em conexão e criando coisas incríveis. Acho que uma outra coisa que eu destacaria foi: os eventos literários que nós fizemos, a gente trouxe outros grupos, outras linguagens culturais para os eventos de literatura. Que a gente olhava os cantores, todo mundo que estava fora, que perdeu os espaços, e aí a gente começou a fazer evento literário com músicas. Evento literário e convidando o pessoal do teatro. Mesmo sem saber como isso ia acontecer, mas com essa ideia de compartilhar o recurso que a gente tinha e também todo mundo poder experimentar como a gente poderia fazer juntos e juntas.

SRA. ANDREA NOGUEIRA: Obrigada, Bel. A gente tem paixão por se encontrar, não é? E eu acho que é isso que é a essência. E vamos voltar sendo irremediável a questão digital.

E agora, a última questão, para nós finalizarmos, aí eu compartilho com todos, eu vou resumir a pergunta do Lucas dos Santos Sousa pensando nos apagamentos que estamos passando nas *fake news*, "Como responder aos apagamentos propositais da cultura, por diversas vezes? Quais os desafios dessa luta em meio a uma pandemia, uma crise humanitária?". E juntando isso, quais as perspectivas à reabertura, ao que virá, a perspectiva desse futuro que esperamos ser muito breve? Isaura, por favor.

SRA. ISaura BOTELHO: Olha, Andrea, deixa ver se estou. Estou. O seguinte, eu acho que a gente não pode... no caso da TIC Cultura, uma coisa que me chamou a atenção, embora as coisas tenham mudado, as instituições buscando videoconferência, etc., o quadro é absolutamente pobre também. Então, na verdade, eu acho que, primeiro ressaltar o papel fundamental dessas pesquisas do Cetic para um planejamento institucional. Quer seja geral, quer seja de instituições individualmente.

Agora, tudo o que a gente viu nas questões tanto levantadas pela pesquisa do painel Covid-19 do Cetic, pesquisa do Itaú, os resultados da Ubec, é que se tem uma necessidade premente, premente, de trabalhar no sentido de levar novas boas práticas às instituições, treinamento, aparelhar essas instituições, ou seja, isso é investimento político da maior importância. E o treinamento de pessoal para essas instituições. Porque elas continuam, e a pesquisa mostra isso, apenas substituindo a mídia impressa pela mídia digital. Ou seja, divulgando suas programações e investindo muito pouco em práticas de interação.

Então, na verdade, tem um problema que a gente não pode resolver assim, e principalmente agora, é que seria a necessidade de democratizar o acesso à Internet. Isso aí fica absolutamente claro. E uma coisa que vem me preocupando muito é a necessidade de atenção aos jovens. A esse vasto

público escolar, aí no caso, eu incluiria docente e discente porque também os docentes tiveram um problema enorme no enfrentamento dessa crise. Mas eu acho que nós, instituições, temos a obrigação de procurar suprir as lacunas de formação de toda uma geração. Isso é uma questão importantíssima. E eu espero que alguns exemplos que a gente viu, os da Bel são os mais comoventes e fortes, mas aqueles que também aparecem no tal artigo lá da revista do observatório do Itaú, mostram que nossas instituições com recursos poderão avançar significativamente no sentido de suprir formas mais criativas de se relacionar com as novas tecnologias. Quer dizer, eu acho que falta formação e equipamento. Com isso, eu acho que se melhora muito esse quadro. É isso.

SRA. ANDREA NOGUEIRA: Obrigada, Isaura. Jader, por favor. E as considerações finais também.

SR. JADER ROSA: Eu acrescentaria também mais um ponto que é a parte cultural, né, a área cultural precisa sistematizar e trabalhar com dados e indicadores. A área de educação já tem um legado com isso. E a gente precisa conversar mais sobre dados, fazer mais pesquisa, pesquisas têm um custo, não é barato. Mas a gente pode pensar em diferentes formatos de coletar informação e verificar esses dados. Pensar em análises preditivas, os movimentos estão acontecendo, e propositivas também. Acho que a gente tem um bom momento aí para olhar e precisa ser olhado. Pensando de como a gente mobilizar, é o dado econômico, e nós temos um on-line, um painel de dados voltado à economia e setores da área cultural criativo brasileiro dividido em três frentes, mercado de trabalho, empreendimento, gastos públicos com cultura e comércio internacional, né, que a gente fala da taxa de preocupação, como está o setor de crescimento, qual teve mais baixa. E a gente vai apresentando esses dados trimestralmente para a sociedade.

Mas é com o dado econômico. Então assim, o quanto que a cultura consegue promover de economia com gastos no campo da saúde mental, por exemplo, acho que é um dos pontos. Ou o quanto que a gente mobilizou de produção e exportação, formação com alguma frente de economia, seja com design, seja com moda, seja na indústria de games, relacionar com essa indústria. Então, assim, a parte econômica é extremamente importante, e a gente precisa olhar para isso e ter o equilíbrio. Porque tem a poesia, que a gente precisa, a gente vive disso, não é? Tem a troca, mas também a gente tem que olhar para esse lado que é o lado pouco mais pragmático.

Sobre o interesse, resgatando nossa pesquisa também no final do ano, 66% têm intenção em retornar a práticas presenciais. A gente não tinha vacina nesse período. Então, a gente acredita que agora vai ser maior, com a população mais imunizada. E vejo que as instituições entraram em uma série de protocolos. Tem uma série de comitês entre as instituições para melhor ter um momento de fruição. A gente costuma dizer internamente assim que o melhor lugar que você quer sair e fruir, não vá a um shopping, vá a uma instituição cultural, porque lá tem todos os protocolos que foram testados, averiguados e homologados.

E eu vejo assim que o grande desafio, na consideração final, é o que está por vir, que é o modelo híbrido. Então, este lugar, a gente precisa aprender. Já tem algumas experiências. De novo, na nossa pesquisa que a gente vai entrar agora, tem essa pergunta. O que faz eu ficar na Internet e me deslocar, e o contrário também. Mas já tem práticas acontecendo no mundo. E é importante a gente olhar esses *benchmarkings*. Então, citando três exemplos, tem um festival de música eletrônica que chama Tomorrowland que eles mandaram um kit para a pessoa em casa, com comida, com bebidas, enfim, para você assistir on-line. Tem essa experiência. Tem um outro que é um festival de inovação onde é um festival de negócio, que chama Burning Man, que teve uma espécie de um roteiro de você andar nesse deserto e você construir um boneco, que no Burning Man se queima tudo o que se produz nesse evento, um boneco em casa, não é, como seria esse boneco. E um outro que é uma iniciativa brasileira que foi uma espécie de gameificação, de jogo, de experiências que você poderia fazer dentro de casa para também ter uma experiência no campo tanto físico, ali dentro de casa, com uma pessoa mais próxima, mas com o desdobramento na Internet. Então, esses pontos que eu acho que é importante a gente olhar. A gente vai precisar atuar e conversar com o público nesses dois momentos. O leitor, ele está nos dois lugares. Então, como a gente transitar nesse ambiente. Que na verdade, ele está nos dois lugares, mas é uma pessoa única. Então, um pouco desse ponto de vista.

SRA. ANDREA NOGUEIRA: Bel, por favor.

SRA. BEL SANTOS MAYER: Só comentar um pouco sobre essa questão da reabertura das bibliotecas. Então, a gente tem já reaberto para alguns empréstimos. E eu faço parte de uma biblioteca que acabou de perder o espaço. A nossa biblioteca, ela fica dentro de um cemitério, nós ocupamos a casa de um coveiro há 12 anos atrás. É um cemitério particular. E o cemitério resolveu investir em sepulturas, porque o momento está ótimo para faturar com sepultura, e fechar biblioteca. E depois de sofrer muito com a notícia que a nossa biblioteca, a única biblioteca que tem dentro daquela comunidade ia fechar, a gente tomou uma decisão. Que é não colocar livros em caixas. É um crime encaixotar livros em uma comunidade que está se tornando leitora. Que apenas há dez anos, conhece esse equipamento cultural. Nós tomamos a decisão, estamos produzindo 500 sacolas e a comunidade vai guardar o acervo. Cada sacola com dez livros para diferentes públicos. E ela vai poder trocar com os vizinhos essas sacolas quando isso for seguro. E a inscrição na sacola é: eu guardo, eu aguardo a biblioteca Caminhos da Leitura, que essa biblioteca vai brotar em um outro lugar.

Então, esse é só um exemplo de como as bibliotecas comunitárias por estar tão próximas das suas comunidades, a gente vai encontrando saídas, porque essa é a nossa história. A gente vem de um país que nos faz buscar saídas. E acho que esse momento digital que nos aproxima, eu sou docente de alguns dos cursos do Itaú, e olho lá a turma, tem gente do Brasil inteiro. Então, que a gente se junte mais na construção das soluções.

E aí, eu finalizo, trazendo, vai passar aí um vídeo curtinho, três minutinhos, de uma das ações que nós desenvolvemos coletivamente, vai passar depois da fala da Andrea, que foi a produção coletiva de um livro com encontros digitais. Após o processo, dentro desse processo de letramento digital, todas as pessoas confinadas, nós chamamos a fotógrafa Juliana Monteiro Carrascoza e ela nos ajudou a fotografar onde é que a luz batia dentro da nossa casa. Independentemente do tamanho que a nossa casa tinha, como é que a gente ia percebendo esses detalhes. Depois, a gente começou a nos fotografar dentro das nossas casas. Depois, fotografar os bebês. E a gente construiu o primeiro livro dos bebês de Parelheiros, que se chama Nascidos para ler no melhor lugar para se viver. É a expectativa que a gente tem de que os próximos adolescentes de Parelheiros não tenham que sair correndo atrás dos livros. Porque os livros já os receberam desde a maternidade. Então, muito obrigada por estar aqui com essa gente tão sabida, conversando sobre dados. Aprendi muito. E a gente agradece aí pela oportunidade de conversar. Parabéns por essa pesquisa, por essa publicação.

SRA. ANDREA NOGUEIRA: Somos nós encantados sempre com vocês. Muito obrigada ao Cetic, Marielza, que maravilha, Marcio. Nossa, é um privilégio estarmos juntos e continuarmos juntos. Então, agradeço. As perguntas do público, elas serão repassadas. Agradeço a todos que nos acompanharam nessa bela manhã. Muito obrigada, viu, Alexandre.

SR. ALEXANDRE BARBOSA: Muito obrigado, Andrea, obrigado à Bel, Isaura, Jader, Marielza, o Marcio Migon. E agora nós vamos assistir a um vídeo de três minutos que é um exemplo vivo do que é possível fazer da tecnologia para cultura.

[exibição de vídeo]

ORADORA NÃO IDENTIFICADA: *Nascidos para ler no melhor lugar para se viver é mais que um livro, é mais que um projeto, é um sonho. Inspirado no programa italiano Nati Per Leggere, o sonho virou uma causa para o time do Ibeac, levar literatura para as crianças desde o ventre, desde os primeiros meses e anos de vida.*

Ibeac, o Instituto Emília e Itaú Social selaram uma parceria. Planejaram oficinas de escrita e de fotografia que aconteceriam na biblioteca comunitária, na cozinha de alimentação saudável, na casinha das histórias, na maternidade e outros lugares de ler em Parelheiros, mas aí, veio a pandemia. Bel Santos Mayer, Dolores Prades e Val Rocha coordenaram todo o processo. De abril de 2020 a abril de 2021, 60 pessoas entre mães mobilizadoras, mediadores de leitura, educadores e educadoras, gestores e gestoras de projetos da comunidade de Parelheiros se juntaram para a produção de um livro. Enfrentaram os desafios da falta de equipamentos e de conexão, com celulares pessoais ou emprestados, compartilhando conexão com vizinhos, aprenderam a gerar links, entrar em plataformas, fotografar, enviar textos e imagens por e-mail ou drive e tudo aquilo que envolve o letramento digital.

*Os formadores também adaptaram seus conteúdos, João Anzanello Carrascoza, Juliana Monteiro Carrascoza, Mayumi Okuyama e Dolores Prades. A equipe do Instituto Emília leu e dialogou com os textos. Foram idas e vindas, até que uma comissão de representantes de organizações da área do livro, leitura e bibliotecas selecionou o livro que chega agora, *Nascidos para ler no melhor lugar para se viver*.*

ORADORA NÃO IDENTIFICADA: *Nascidos para ler no melhor lugar para se viver. Este livro foi feito para você, nascido para ler no melhor lugar para se viver, Parelheiros. Ele foi pensado para inaugurar a sua entrada e a de toda a sua família em nossa comunidade leitora. Sim, acreditamos que a leitura é fundamental desde o começo da vida. Ela é alimento e nos coloca em uma rede de afetos e acolhimentos, imprescindíveis para um crescimento saudável. Com certeza, você vai se reconhecer nos esboços deste livro. Aliás, você poderia ser um deles. E sabe por quê? Porque ele foi uma criação coletiva de um grupo que pertence à comunidade de Parelheiros e que o produziu do começo ao fim pensando em você. Muita gente participou desse processo. Algumas instituições como o Ibeac e o Instituto Emília fizeram a coordenação e a Fundação Itaú para Educação e Cultura, grande fraterna parceira, possibilitou que ele chegasse à sua casa. Desejamos que este seja o primeiro livro de uma longa história de leituras.*

"No casulo estou, acabei de chegar, quero uma mãe para mamar"...

SR. ALEXANDRE BARBOSA: Parabéns, Bel, por esse presente que você traz na sociedade. Justamente no período da pandemia, você produz essa beleza de conteúdo tão importante para os que estão nascendo neste momento.

E mais uma vez, é com muita alegria que eu tenho todos vocês aqui de braços abertos no Cetic. E agradeço à Isaura, velha companheira no nosso trabalho de produção de indicadores, a Andrea, Marielza, Jader. A Luciana, parabéns por esse trabalho, e também ao Fábio Senne, que com muita maestria conduzem esse trabalho. E Bel, parabéns. Muito obrigado, Marcio. Obrigado por prestigiar esse evento. Desejo a todos e a todas um excelente dia. E muito obrigado.